

**Evento:** XXIV Jornada de Pesquisa

**DA PERDIÇÃO À EDUCAÇÃO PLANETÁRIA: UMA LEITURA À LUZ DE  
EDGAR MORIN<sup>1</sup>  
FROM LOSS TO PLANETARY EDUCATION: A READING IN THE LIGHT OF  
EDGAR MORIN**

**Jenerton Arlan Schütz<sup>2</sup>, Cláudia Fuchs<sup>3</sup>**

<sup>1</sup> Artigo fruto da disciplina Educação Contemporânea e Racionalidade do Programa de Pós-Graduação em Educação nas Ciências (Unijuí)

<sup>2</sup> Aluno do Doutorado em Educação nas Ciências (Unijuí).

<sup>3</sup> Aluna do Mestrado em Educação nas Ciências (Unijuí).

#### INTRODUÇÃO

Como Robinson em sua ilha, pusemo-nos a enviar sinais em direção às estrelas, até agora em vão, e talvez em vão para sempre. Estamos perdidos no cosmos (MORIN; KERN, 2003, p. 163).

A epígrafe de Morin e Kern nos remete à fragilidade da condição humana, de tudo aquilo que denominamos de vida e que nos interrompe com a morte. Somos lançados na vida sem permissão alguma, do mesmo modo, nos prometeram que iremos morrer, sem, no entanto, termos desejado. É preciso nascer para se tornar mortal, é preciso viver para se perder.

O próprio mundo vai em direção à morte, seja por dispersão generalizada ou por retorno implosivo à origem, não são apenas os indivíduos que estão perdidos, mas, cedo ou tarde, é também a humanidade, depois serão os últimos vestígios de vida, e finalmente o Planeta Terra (MORIN; KERN, 2003). Complementam Morin e Kern: “Nosso mundo está votado à perdição. Estamos perdidos” (2003, p. 163).

O que nos resta diante da perdição? Por que educar as novas gerações nesse contexto catastrófico/caótico? O que nos permite ainda, diante da perdição, viver juntos? Teria a educação escolar alguma “coisa” a contribuir/somar? Teríamos possibilidades de “quebrar” esse destino irremediável e instaurar meios de evitar o pior e de encontrar o melhor? Como fazer para que todos possam se sentir em casa nesse mundo?

Essas e outras questões orientam o caminhar do presente escrito. Busca-se, portanto, à luz das reflexões de Edgar Morin, tematizar a fragilidade do humano, do mundo humano, contudo, não em um sentido pessimista e sem saídas possíveis, mas sim, num viés que nos permita fortalecer laços para uma sociedade mais justa, humanizada e fraterna, procurando o desenvolvimento da hominização. Além disso, buscamos fazer uma relação do contexto da perdição com a educação escolar, uma vez que consideramos que o ato de educar é, acima de tudo, a possibilidade de abrir novos caminhos para a construção de conhecimentos que ajudem a desvendar os segredos de uma nova visão acerca do mundo e suas constantes mudanças, movimento que é considerado inadiável. Nesse sentido, primeiramente apresentamos a preocupação de Edgar Morin em refletir sobre “o evangelho da perdição” (MORIN; KERN, 2003, p. 163) e como esta condição de itinerância nos

**Evento:** XXIV Jornada de Pesquisa

permite sermos irmãos e viver autenticamente nossa comunidade de destino, dito de outro modo, (con)vivemos com os outros não pelo fato de estarmos salvos, mas por estarmos perdidos, e essa condição exige a solidariedade e a presença do outro na aventura desconhecida.

Por conseguinte, buscamos enfatizar a importância de uma educação planetária, permitindo com que o aluno possa se reconhecer em sua humanidade comum e ao mesmo tempo reconhecer a diversidade cultural inerente a tudo que é humano. Essa é (ao menos deveria ser) a finalidade da educação, que deve ser (ou deveria ser) trabalhada na era planetária, a fim de buscar a identidade e consciência terrena.

Em síntese, educar no viés planetário é instituir uma política comprometida com a educação, com os novos e com o mundo comum, é essa a nossa responsabilidade enquanto educadores e representantes de todos aqueles que adentram na Terra-pátria.

#### DA PERDIÇÃO À PERTENÇA: SOBRE O ESTAR NO MUNDO E SER DO MUNDO

A partir da dúvida que se instaurou sobre as mitologias do nascimento do homem neste mundo, a origem e natureza inseriram inúmeros problemas à humanidade. Afinal, indagam Morin e Kern (2003): O que seria esse planeta, um grão de poeira cósmica onde emergiu a vida, onde a vegetação produziu o oxigênio de sua atmosfera, onde os vários seres vivos se espalharam por toda a superfície do planeta, constituindo uma biosfera eco-organizada e autorregulada, onde, originada de um ramo do mundo animal, a aventura da hominização se lançou e se desenvolveu?

Contudo, é esse grão de poeira cósmica que constitui o nosso mundo e, sobre as indagações de Morin, podemos considerar que estamos numa profunda incerteza no que concerne ao caráter inevitável ou fortuito, necessário ou milagroso, do aparecimento do homem, da vida, do mundo. Essa incerteza repercute, evidentemente, sobre o sentido da vida humana, mas, indiferentemente, a vida surge ao mesmo tempo como emanção e criação da Terra, “[...] formou-se e desenvolveu-se uma árvore da vida [...]” (MORIN; KERN, 2003, p. 53).

É esse movimento de emanção e de criação que instaura uma vida solidária na Terra, “[...] a vida é solidária da vida”, dizem Morin e Kern (2003, p. 53), e essa solidariedade ecológica é que estabelece os laços entre os seres vivos na biosfera do planeta. É a constante evolução e interação, organização e desorganização, caos e desordem, inovações, acidentes e catástrofes, que possibilitaram a aventura da hominização. Porém, o Homo não consegue fugir da animalidade ao longo dessa longa transformação.

Para Morin e Kern (2003), o homem não é um pós-primata, mas um super-primata, que desenvolveu aptidões já manifestadas, mas esparsas, temporárias, ocasionais entre os primatas superiores, como a confecção de instrumentos, a prática da caça, a marcha sobre os membros inferiores. Do mesmo modo, segundo o autor, o homem não é um pós-mamífero, mas um super-mamífero, que desenvolveu dentro dele o calor afetivo, estendendo relações amorosas e amigáveis. Por isso, o homem é um

[...] sobre-vivente, pois as bilhões de células que o compõem e se renovam são todas filhas-irmãs do primeiro ser vivente, do mundo vegetal e animal; e essas células filhas-irmãs são também mães das células que elas produzem ao se reproduzirem por desdobração. Enfim, o homem é um super-vivente porque desenvolveu de forma superior um grande número das potencialidades da organização viva (MORIN; KERN, 2003, p. 56).

**Evento:** XXIV Jornada de Pesquisa

É o super-vivente que também inaugurou inúmeras esferas de vida, a saber, a vida do espírito, a vida das ideias, a vida da consciência, entre outras. E é ao produzir tais esferas que dependem, essencialmente, da linguagem, das noções e das ideias, que o homem se tornou progressivamente estranho ao mundo vivo e animal (MORIN; KERN, 2003). Tem-se, desse modo, um duplo estatuto, de um lado, a dependência do homem à natureza biológica, física e cósmica, de outro, a dependência totalmente da cultura, isto é, das ideias, da consciência, das palavras, da razão etc. Podemos afirmar que é esse movimento duplo que caracteriza a produção das identidades propriamente humanas (família, cultura, religião, etnia...).

Nesse sentido, para Martinazzo (2010, p. 35),

Os traços mais marcantes da identidade de cada um, portanto, são forjados no seio de cada cultura, compondo, dessa forma, identidades múltiplas e diferenciadas. Na relação com os outros seres humanos e com as outras culturas nós nos tornamos, concomitantemente, semelhantes e distintos. Nos traços de cada homem genérico estão, também, os traços de sua especificidade.

Assim, podemos considerar que o Homo Sapiens possui uma identidade fundamental comum a todos os seus representantes, a saber, “[...] ele pertence a uma unidade genética de espécie que torna a inter-fecundação possível entre homens e mulheres, todos eles, não importa sua raça” (MORIN; KERN, 2003, p. 57). Com isso, as características físicas de tamanho, cor, olhos, nariz, cabelo, diferenças culturais e linguísticas, produziram diversidades individuais, sendo essa multiplicidade de características a complexidade que faz também a unidade de do humano.

O ser humano é um ser racional e irracional, capaz de medida e desmedida; sujeito de afetividade intensa e instável. Sorri, ri, chora, mas sabe também conhecer com objetividade; é sério e calculista, mas também ansioso, angustiado, gozador, ébrio, extático; é um ser de violência e de ternura, de amor e de ódio; é um ser invadido pelo imaginário e pode reconhecer o real, que é consciente da morte, mas que não pode crer nela; que secreta o mito e a magia, mas também a ciência e a filosofia; que é possuído pelos deuses e pelas idéias, mas que duvida dos deuses e critica as idéias; nutre-se dos conhecimentos comprovados, mas também de ilusões e de quimeras (MORIN, 2006, p. 59).

Cada ser humano é um cosmos, uma efervescência de personalidade virtuais, uma proliferação de sonhos, fantasmas e ideias (MORIN; KERN, 2003). E assim, “cada um vive, do nascimento à morte, uma tragédia insondável, marcada por gritos de sofrimento, de prazer, por risos, lágrimas, desânimos, grandeza e miséria” (MORIN; KERN, 2003, p. 59), estabelece-se, assim, uma relação entre unidade e multiplicidade (singularidade e pluralidade), tanto do ponto de vista biológico, quanto cultural e individual.

Entretanto, essa identidade humana foi corrompida no cerne da era planetária, pelo desenvolvimento especializado e fragmentado das ciências. Nas palavras de Morin e Kern (2003), passou-se a discutir os caracteres biológicos do homem nos departamentos de biologia e nos cursos de medicina; os caracteres psicológicos, culturais e sociais nos departamentos das ciências humanas, de modo que a sociologia se tornou incapaz de ver o indivíduo, a psicologia de ver a sociedade, a história, por sua vez, acomodou-se à parte e a economia extraiu do Homo Sapiens demens o resíduo exangue do Homo economicus. Em síntese, decompôs-se a noção de homem.

Na leitura que Pithan da Silva faz de Morin, o autor reitera que “[...] a perspectiva cega e unidirecional de desenvolvimento tecnocientífico, associada a uma ciência parcelar,

**Evento:** XXIV Jornada de Pesquisa

fragmentadora, contribuiu para a construção de ideários [...] que desconsideraram a complexidade social, identitária, ética e política do Humano” (2015, p. 378). Desse modo, a era planetária inaugura-se e desenvolve-se na e através da violência, da destruição, da escravidão, da exploração, das barbáries, entre e com povos e populações inteiras e, consideramos que isso é decorrente da decomposição do homem, da humanidade, logo, do próximo, desconstituindo-nos de uma consciência planetária. Como se o mundo estivesse andando por um caminho já demarcado, quem sabe, pelo progresso e pela salvação.

É nesse momento que a condição de perdição e itinerância toma conta da condição humana. É necessário que renunciemos às promessas infinitas instauradas pela lei do progresso. Para Morin e Kern (2003), o humanismo ocidental nos votava à conquista da natureza, ao infinito. A lei do progresso nos dizia que este devia ser perseguido sem descanso e sem fim. Não havia limites para o crescimento econômico, para a razão e inteligência humana. Com isso, “o homem se torna para si mesmo seu próprio infinito” (MORIN; KERN, 2003, p. 164), pois, “[...] os progressos [...] não somente produzem a elucidação, mas também a cegueira” (MORIN, 2010, p. 31). Concordar que devemos rejeitar essas falsas promessas infinitas e tomar consciência de nossa irremediável finitude é fundamental.

Desse modo, consideramos que tomar consciência de nossa consciência é assumir que estamos em uma aventura desconhecida, que estamos na condição de itinerância, sem um caminho demarcado, “[...] não somos teleguiados pela lei do progresso, não temos nem messias nem salvação, caminhamos na noite e na neblina” (MORIN; KERN, 2003, p. 165). Contudo, importa dizer que não se trata de uma errância sem orientações ou corrimões que nos possibilitam o caminhar e alimentam a esperança durante o trajeto.

Para Morin e Kern (2003) a itinerância se inscreve no ato vivido. Ela implica a (re)valorização dos momentos únicos, autênticos, poéticos e extáticos da existência humana. Nessa direção, a “[...] itinerância pode plenamente viver o tempo não apenas como continuum que liga passado/presente/futuro, mas como retorno às fontes (passado), ato (presente) e possibilidade (tensão voltada ao futuro)” (MORIN; KERN, 2003, p. 165). Como já reiteramos, tomar consciência de nossa consciência é compreender e aprender com a experiência cotidiana e existencial, é apostar na itinerância como fator positivo que nos aproxima daqueles que constituem a comunidade de destino.

Estar numa aventura desconhecida, como afirmam Morin e Kern (2003), significa que devemos encarar a incerteza e a inquietude, é preciso assumir o dasein, isto é, o fato de estar aí sem saber a razão. Teremos, cada vez mais, razões e fontes de angústia, mas também, a cada vez mais, a necessidade de participação, de fraternidade, e os únicos que sabem, não aniquilar, mas rechaçar a angústia que nos cerca.

Mesmo assim, a perdição estará e permanecerá inscrita em nossa comunidade de destino. Para os autores, há uma má nova, a saber, estamos perdidos, irremediavelmente perdidos e, se há um evangelho de salvação (uma boa nova), esta deve partir da má (MORIN; KERN, 2003). Por mais que estejamos perdidos e isolados neste universo, ainda temos um lar, uma pátria, uma casa comum, desse modo, “não é a Terra prometida, não é o paraíso terrestre. É nossa pátria, o lugar de nossa comunidade de destino de vida e de morte terrestres. Devemos cultivar nosso jardim terrestre, o que quer dizer civilizar a Terra” (MORIN; KERN, 2003, p. 166).

**Evento:** XXIV Jornada de Pesquisa

É esse evangelho da perdição, dos homens perdidos e pertencentes à Terra-Pátria que nos torna irmãos, que nos faz irmãos e nos torna solidários com os demais. Morin e Kern (2003) fazem o uso de uma passagem de Albert Cohen, em que o autor diz que esta espantosa aventura dos humanos que chegam, riem, se mexem, depois para subitamente de se mexer, que esta catástrofe que os espera não nos faça ternos e compassivos uns para com os outros, isto é inacreditável.

Nesse sentido, a tomada de consciência deve ir para além de uma crença na sobrevivência e na esperança de salvação, ou, para dizer de outro modo, deve ir além da transcendência, uma vez que estas crenças podem ser consideradas como antimundo, como uma alienação do mundo, relegando a Terra-Pátria ao segundo plano. Assim, outra proposta apresentada por Morin e Kern (2003) para enfrentar a boa/má nova é a do apelo à fraternidade.

O apelo à fraternidade deve superar a inimizade, não deve se encerrar numa determinada raça, classe, nação, comunidade, mas deve dirigir-se a todos e a cada um. Pois, como reiteram os autores, “a existência de um inimigo mantém ao mesmo tempo nossa barbárie e a dele. O inimigo é produzido por cegueira às vezes unilateral, mas que se torna recíproca quando respondemos com uma inimizade que nos torna igualmente hostis” (MORIN; KERN, 2003, p. 167). São os etnocentrismos e os egocentrismos que, sucessivamente, suscitam inimigos.

Precisamos superar a repulsa diante do que não se conforma às nossas normas e aos nossos tabus, e superar a inimizade contra o estrangeiro, sobre o qual projetamos nossos temores do desconhecido e do estranho; isso requer um esforço recíproco que venha desse estrangeiro, mas é preciso que alguém comece (MORIN; KERN, 2003, p. 168).

Assim, por mais que o inimigo tenha matado, violado, violentado, torturado etc, ele não deixa de fazer parte da espécie humana, e não pode ficar sem a possibilidade de se arrepender. Se pensarmos na multipersonalidade, podemos compreender que há muitas personalidades em um único indivíduo e que este indivíduo não pode ser encerrado ou reduzido em sua pessoa criminal.

Para Morin e Kern (2003), é preciso que detenhamos a máquina infernal que, permanente, produz crueldades com crueldades. Não podemos esperar resolver esses problemas de forma paradisíaca, mas saibamos lutar contra o horror, uma vez que, a resistência contra a crueldade do mundo é uma das finalidades planetárias.

Em suma, o apelo à fraternidade é a possibilidade de ligarmos a ética entre os humanos, estimulando a ligação dos problemas uns aos outros, uma ligação que possibilita salvar o planeta e civilizar a Terra, salvaguardar as singularidades e pluralidades. Uma ligação que não tem deus(es), sem revelação, sem salvação, sem fanatismos, nem transcendência, sem verdade primeira e nem final. Ou, para fazer jus à expressão apresentada por Morin e Kern (2003), seria uma religião, no sentido ordinário do termo: re-ligar.

Portanto, reconhecer o mundo comum e sua relação com a perdição significa evitar o pior, encontrar o melhor, tomar consciência da nossa consciência, apelar à fraternidade, ao amor, à responsabilidade coletiva, com o intuito de tornar este mundo a nossa casa, a nossa pátria, um chão seguro para todas as gerações. Afinal, “cada um de nós vem da Terra, é da terra, está na terra. Pertencemos à Terra que nos pertence” (MORIN; KERN, 2003, p. 175).

## A EDUCAÇÃO PLANETÁRIA COMO ESPERANÇA E DESPERTAR DA HUMANIDADE

A partir das considerações sobre a relação entre perdição e pertença, entre estar no mundo e ser

**Evento:** XXIV Jornada de Pesquisa

do mundo, buscaremos, doravante, pensar a importância da educação escolar para o despertar da humanidade para a consciência planetária.

A educação escolar tem de assumir a responsabilidade de introduzir e familiarizar as novas gerações na cultura, nos conhecimentos historicamente constituídos (tradição). Deve, ainda, “[...] permitir a universalização do conhecimento, a fim de assegurar um desenvolvimento humano e uma formação que favoreça a uma crescente autonomia do espírito” (PITHAN DA SILVA, 2015, p. 381), preocupando-se, principalmente, com a relação entre a instabilidade do pensar e a continuidade do mundo, familiarizando os novos a partir do seu legado, pois, cada sujeito só atingirá a autonomia quando tiver dominado os movimentos executados por seus predecessores, conservados nas tradições vivas.

Assim, podemos considerar que a finalidade da educação planetária é a de proporcionar possibilidades para a emergência de uma sociedade e/ou de um mundo composto por cidadãos protagonistas, conscientes e criticamente comprometidos com a construção de uma civilização planetária.

É importante destacar que a concepção de era planetária, segundo Morin (2006), significa responsabilizar-se pelo mundo comum, perpassando pela compreensão do passado, do mundo atual e do futuro. Assim, na gênese do conceito podemos constatar que cada parte do mundo faz parte do todo e o todo está presente em cada uma das suas partes.

Adotar a perspectiva de uma educação planetária significa mobilizar saberes capazes de interagir com os problemas globais e particulares. É reconhecer a comunidade global, a identidade terrena como condição humana, os valores humanos, os problemas e desafios do mundo atual. Nas palavras de Morin, Ciurana e Motta (2003, p. 107), a educação planetária tem a missão de desenvolver a hominização e de “[...] reforçar as condições que tornarão possíveis a emergência de uma sociedade-mundo”.

A educação planetária assume o compromisso de promover o respeito às culturas, às etnias, às religiões, às questões de gênero e de orientação sexual (MARTINAZZO; BARBOSA, 2016, p. 27), contudo, essa preocupação se dará a partir da compreensão do pensamento complexo. E, esse pensamento complexo deve buscar sempre uma relação de inseparabilidade e de inter-retroações entre qualquer fenômeno e seu contexto, e deste com o contexto planetário.

Entretanto, o complexo requer um pensamento que capte relações, inter-relações, realidades que são simultaneamente solidárias e conflitivas, que respeite a diversidade, ao mesmo tempo que a unidade, é um pensamento que organiza e concebe a relação recíproca entre todas as partes (MORIN, 2013).

Do mesmo modo, cabe à educação planetária cuidar para que a ideia de unidade da espécie humana não apague a ideia de diversidade e que a da sua diversidade não apague a da unidade (MORIN, 2006). Logo, a educação escolar deve assumir o princípio de unidade e diversidade em todos os seus âmbitos, não obstante, deve ser um espaço aberto à pluralidade e às singularidades, oportunizando o desenvolvimento e aprofundamento do processo de hominização.

É preciso que a educação escolar ensine sobre a nossa identidade de ser humano, contextualizando o objeto do conhecimento e tornando-o pertinente, situando-o, mas não separando-o do universo e do mundo. Por isso, a pergunta “quem somos nós?”, não pode ser descolada da pergunta “onde estamos nós?”, uma vez que ambas tratam da condição humana, e

**Evento:** XXIV Jornada de Pesquisa

nesse movimento todas as ciências, bem como a poesia, a literatura e outras podem (e devem) oferecer contribuições. Assim, conhecer e aprender a condição humana não significa reduzir-se às ciências, mas há outros modos de apreendermos sobre nós, a saber, a partir da poesia, da literatura, do romance, da prosa etc, pois, segundo Morin (2013), o conhecimento da condição humana pressupõe uma extraordinária unidade genética, anatômica e cerebral que permite a diversidade dos indivíduos, das personalidades, das psicologias e das culturas. Podendo a verdadeira complexidade humana ser pensada na simultaneidade da unidade e da multiplicidade.

A educação planetária, preocupada com uma sociedade planetária, seria a própria realização da unidade e diversidade humana (MORIN; KERN, 2003). Assim, segundo Martinazzo (2010), podemos considerar que um dos grandes desafios da educação escolar contemporânea é a de desenvolver e/ou despertar no humano possibilidades para a formação da sua identidade e subjetividade, permitindo uma compreensão da totalidade humana num mundo plural, tendo em vista fazer desse mundo uma Terra-Pátria de todos nós.

Para tal, é preciso que todos aqueles que se responsabilizam pelas novas gerações e sua educação sejam capazes de compreender a história da humanidade desde os primórdios até a contemporaneidade, frisando tanto os exemplos solidários como também as opressões, dominações e barbáries que foram fruto do ser humano. É assim que cada um pode compreender-se e reconhecer-se na humanidade à qual pertence, em síntese, necessitamos de uma educação que permita pensar e compreender nossa condição e nos ajude a viver, favorecendo, ao mesmo tempo, um modo de pensar aberto e livre (MORIN, 2012).

Com essa reformulação nas formas de pensar o pensamento é possível refletir sobre a condição e a dignidade humanas, melhor compreender a unidade/diversidade de nossa cultura, forjar uma identidade humana do indivíduo, da espécie e da sociedade, bem como promover uma ciência com consciência, uma política do humano, uma ética da solidariedade e uma concidadania planetária (MARTINAZZO, 2010, p. 49).

Assim, a educação, na perspectiva planetária, deve proporcionar a solidariedade em todos os campos do conhecimento e em todos os espaços, principalmente dentro do espaço escolar. Muitas vezes, há experiências e momentos significativos que surgem, de modo inesperado, em alguma escola, em alguma sala de aula - algumas luzes.

E, a partir disso, podemos ter experiências de aprendizagens enriquecedoras, em que a singularidade de cada ser humano (aluno) se torna importante, pois consideramos que é tarefa da educação escolar não apagar essas luzes/experiências singulares, pois elas nos lembram a tarefa da educação: cuidar de um mundo que não dispensa as pessoas. Nessa direção, a educação planetária favorece o desenvolvimento de uma consciência cada vez mais aguda, que considera a diversidade cultural em sua riqueza e sustentabilidade. Possibilitando, não obstante, uma visão de totalidade do ser e do conhecimento considerado pertinente.

É preciso que aprendamos, doravante, aprender a ser, viver, partilhar, comunicar, narrar, experienciar, dialogar e comungar enquanto humanos do planeta Terra. E não mais como pertencentes de uma cultura, uma etnia, uma nação, uma religião, mas a de sermos terrestres, mundanos, com o intuito de civilizar a terra.

Por isso, segundo Hannah Arendt (2013, p. 247), a educação

[...] é o ponto em que decidimos se amamos o mundo o bastante para assumirmos a

**Evento:** XXIV Jornada de Pesquisa

responsabilidade por ele e salvá-lo da ruína que seria inevitável não fosse a renovação e a vinda dos novos e dos jovens. A educação é, também, onde decidimos se amamos as nossas crianças, o bastante para não expulsá-las de nosso mundo e abandoná-las a seus próprios recursos, e tampouco arrancar de suas mãos a oportunidade de empreender alguma coisa nova e imprevista para nós, preparando-as em vez disso com antecedência para a tarefa de renovar um mundo comum.

Portanto, uma educação que assume o caráter planetário, está preocupada com a continuidade e durabilidade do mundo comum, com o enfrentamento das incertezas, com a condição humana, com a hominização, com as novas gerações, com a imprevisibilidade do novo, com o(s) conhecimento(s) pertinente, com a complexidade do mundo atual, com o enfrentamento dos problemas planetários, com a diversidade, com a pluralidade e a singularidade. Enfim, a missão é a de civilizar a civilização, tomando consciência da Terra-Pátria, pois, não estamos apenas no mundo, mas somos do mundo, habitantes do grão de poeira cósmica que constitui o nosso mundo e é aí que se encontra a esperança e a possibilidade de despertar a humanidade.

#### CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir das reflexões aqui apresentadas, podemos considerar que a tarefa da educação está em contribuir para que os recém-chegados possam se encontrar nele, possibilitando uma relação própria com esse lugar e seu legado a partir da tomada de consciência planetária. É a reflexão sobre o mundo que faz com que ele se torne significativo e se constitua num lar, numa casa, na Terra-Pátria de cada um e de todos.

Assumir essa postura é considerado um grande desafio a ser enfrentado nos debates que se referem a melhor forma de se obter o conhecimento. No âmbito educacional podemos ir além: é necessário enfrentamento, é fundamental a tomada de consciência. Ademais, o desafio atual da educação é tornar significativo aquilo que o professor comunica, a fim de evitar um pensamento passivo, fragmentado e isolado. É fundamental que a educação escolar possibilite aos alunos o conhecimento e a valorização das suas origens e o reconhecimento de pertencerem à comunidade de destino. Por isso, a educação é sempre iniciação.

Desse modo, consideramos necessário buscar relações intersubjetivas, mediações a partir do diálogo e constituir a formação da subjetividade, além de possibilitar a constituição de indivíduos capazes de enfrentar as incertezas e de reconstruir o conhecimento.

Enfrentar e problematizar a aventura desconhecida em que estamos todos inseridos é levar em consideração a condição de itinerância e de referências que são produzidas pelo homem em sua experiência mundana. São as percepções compartilhadas que possibilitam a tomada da consciência planetária, da compreensão e busca em resolver os nossos problemas, além da possibilidade de viver juntos e constituir um mundo comum. E, assim, sentimo-nos preocupados e responsabilizados com todos aqueles que habitam e/ou habitarão o Planeta Terra.

Portanto, resta-nos, na condição de errantes, salvar o planeta, civilizar a Terra, realizar a unidade humana e salvaguardar sua diversidade. E nessa empreitada, a educação é fundamental.

#### REFERÊNCIAS



**Evento:** XXIV Jornada de Pesquisa

ARENDR, Hannah. Entre o passado e o futuro. Tradução de Mauro W. Barbosa. 7. ed. São Paulo: Perspectiva, 2013.

MARTINAZZO, Celso J. Identidade Humana: unidade e diversidade enquanto desafios para uma educação planetária. Revista Contexto & Educação. Ano 25, n. 84, Jul./Dez., 2010.

MARTINAZZO, Celso J.; BARBOSA, Manuel G.. A educação escolar em um mundo complexo e multicultural. In: MARTINAZZO, Celso J.; BARBOSA, Manuel G.; DRESCH, Óberson I. A educação escolar em um mundo complexo e multicultural. Ijuí: Editora Unijuí, 2016. (Coleção pedagogia: espaços e desafios de saberes e fazeres).

MORIN, Edgar; KERN, Anne Brigitte. Terra-Pátria. Porto Alegre: Sulina, 2003.

MORIN, Edgar. Os sete saberes necessário à educação do futuro. 11. ed. São Paulo: Cortez; Brasília, DF: UNESCO, 2006.

\_\_\_\_\_. Para onde vai o mundo? 2. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2010.

\_\_\_\_\_. Educação e complexidade: os sete saberes e outros ensaios. Maria da Conceição de Almeida, Edgard de Assis Carvalho (Orgs.). Trad. Edgard de Assis Carvalho. 6. ed. São Paulo: Cortez, 2013.

\_\_\_\_\_. A cabeça bem-feita: repensar a reforma, reformar o pensamento. Tradução Eloá Jacobina. 20. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2012.

MORIN, Edgar; CIURANA, Emilio-Roger; MOTTA, Raúl Domingo. Educar na era planetária: o pensamento complexo como método de aprendizagem no erro e na incerteza humana. Trad. Sandra T. Valenzuela. São Paulo: Editora Cortez, 2003.

PITHAN DA SILVA, Sidinei. Complexidade, conhecimento e educação: a emergência de um novo paradigma epistemológico no contexto contemporâneo. Revista Educação, Santa Maria, v. 40, n. 2, p. 375-388 | maio/ago. 2015.